



www.observatoriodacritica.com.br

Entrevista de José Miguel Wisnik

SL Revista Eletrônica, 4 de abril de 2007

Disponível em: http://www.slrevistaeletronica.com.br/entrevistas/2007/04/04_zemiguel.htm. Acesso em: 4 de março de 2010.

José Miguel Wisnik

Por: Mariana Sayad

Professor, cantor e compositor. Estas são as três principais atividades desempenhadas brilhantemente por José Miguel Wisnik. A primeira delas ele exerce na disciplina de literatura brasileira da Universidade de São Paulo (USP), a segunda ele mostra em muitos shows e em três CDs lançados: José Miguel Wisnik (Camerari - 1992), São Paulo Rio (Independente - 2000) e Pérola aos Poucos (Trama - 2003). A terceira está presente em músicas gravadas por muita gente, como Ná Ozzetti, Vânia Bastos, Elza Soares, Virgínia Rosa, Zélia Duncan, Luiz Tatit e muitos outros. E ainda, a faceta de compositor pode ser vista nas músicas para teatro, cinema e dança.

Mariana Sayad

MS - Como você começou a compor?

JMW - Eu estudei piano com a intenção de ser concertista. Fiz conservatório na minha cidade, São Vicente, por nove anos. Depois, estudei mais quatro com o Souza Lima. Nesta altura, eu estava entrando no curso de letras, pois tinha interesse por literatura, mas não sabia como iria conciliar estes interesses. Nesse período, fiquei em crise com as possibilidades que a universidade abriu. A faculdade de filosofia, na Rua Maria Antônia, onde estudei, em 67 e 68, era cercada de teatros e shows. Quer dizer, a canção popular estava acontecendo e eu

vivi um conflito com o universo da música erudita e as coisas contemporâneas do século XX. Isso me atraiu muito. A canção popular brasileira naquele momento como ela dialogava com o cinema, com as artes plásticas e com a própria literatura que era uma canção que tinha um interesse poético. No momento em que entrei em crise com o estudo diário do piano, comecei a me interessar pela canção. Fui abandonando aquele estudo de piano sem confessar que estava fazendo isso e, ao mesmo tempo, comecei a compor. Passei a fazer música em vez de estudar. O professor Souza Lima que não nos ouça (risos), porque foi justamente isso que me afastou dele e do universo da música erudita. A partir daí, eu passei a fazer canções. Ainda em 1968, participei de um festival universitário, em que mostrei música. Mas em 1969, mudou muito porque depois do AI-5 acabaram esses shows e festivais e a música ficou muito mais profissionalizada com gravadora mesmo para quem fazia carreira. Aquela mistura que havia com o ambiente universitário com a canção se desfez. Fiquei uns bons anos me tornando professor de literatura. Eu fiz mestrado e doutorado, passei a escrever sobre música em literatura, mas só fazia umas músicas para mim mesmo até que uns 15 anos depois, vi não poder abandonar a música. Pelo meu estudo de piano, eu achava que só devia se dedicar à música quem se dedicava integralmente. Quem só tinha um tempo parcial para dar a ela, não a merecia. Era assim que eu sentia. Depois, eu vi que não, que eu deveria arriscar. Nesse processo voltei a fazer canções, mas tocando com outros músicos e com cantoras. Passei a fazer shows, a gravar discos etc.

MS - Como é seu trabalho com a Ná Ozzetti, com a Vânia Bastos e outras cantoras?

JMW - A Ná Ozzetti foi a primeira cantora através da qual eu passei a compor e a apresentar músicas. Eu a acho uma intérprete incrível e com uma sensibilidade enorme. Ela tinha naquele momento o grupo Rumo e estava ao mesmo tempo começando uma carreira solo. De certo modo, acho que convergiu esse momento em que eu começava a compor publicamente e ela abria seu repertório para outras coisas, além do Grupo Rumo. Então, nós fizemos shows nesse período. A Ná nunca deixou de trabalhar comigo. Nós temos uma espécie de parceria constante.

Outras cantoras também entraram nesse processo. A Jussara Silveira passou a ser muito importante para mim, quase que fazendo uma dupla com a Ná. Elas nunca cantaram juntas, mas no meu show eu criei essa ligação. Uma é bem paulista e a outra é uma baiana nascida em Minas e que mora no Rio. É uma cantora de outros lados do Brasil. Com a Mônica Salmaso, fiz shows ocasionalmente, mas agora temos o projeto de voltar. A Elza Soares, para quem eu dirigi o show e

o disco, já cantou muitas músicas minhas, fizemos shows juntos. Eu cantei com Elza Soares. Para quem era um professor que achava que não merecia a música, realmente, dá para concluir que tudo pode acontecer nesta vida (risos).

MS - Em sua opinião, qual é a influência da canção na música instrumental?

JMW - O meu universo é tanto da canção, que eu não sei como ela bate lá nas pessoas com cabeça ligada ao mundo instrumental. Agora, sempre há a questão de a música brasileira ter uma vocação grande para a canção. O jazz tem canção de música instrumental e ela ganha este caráter. A improvisação no canto e até para você tocar as canções, de forma instrumental.

No jazz, esse processo é mais natural, mas na canção brasileira esse processo já não é tão natural: pegar um tema de bossa nova e fazer uma improvisação jazzística. Tem algo que não é muito adequado para isso. No Brasil o caminho de ida e vinda da música instrumental é menos claro do que nos Estados Unidos, onde a vocação cancional já é instrumental. Aqui, tem todas aquelas diferenças ligadas à importância da letra, que seja dita com a naturalidade de quem fala. Por tudo isso, não saberia responder. Quando alguém responder essa pergunta, me mande por e-mail, por favor.

MS - Como a sua carreira acadêmica influencia na de músico?

JMW - Muitas vezes, fiz trabalhos de música para teatro, cinema e dança, além de canção. Esses trabalhos têm uma relação forte com a literatura. Fiz, por exemplo, música para teatro com José Celso Martinez Corrêa para “As Boas, de Jean Genet”, ou seja, eu estava fazendo música para um texto teatral. Fiz música para Hamlet, para “Mistérios Gozosos”, de Oswald de Andrade. Tudo aquilo exigia não só um músico para fazer a trilha, mas alguém que dialogasse com textos literários no teatro. Quando criei Nazareth, uma das trilhas que fiz para o Grupo Corpo, usei como base o conto “Um Homem Célebre”, onde um compositor de polcas queria fazer música clássica, de Machado de Assis. Depois, inclusive, eu escrevi um ensaio longo sobre esse conto, chamado “Machado, Maxixe”, que está no livro “Sem Receita”. Nazareth já era um ensaio sobre o conto, mas em forma de música.

Quando fiz “Parabelo” com Tom Zé, eu reli o livro Sertões. Então, acho a canção uma forma de poesia cantada, ou seja, ao fazer a letra você lida com alguma coisa que se leu nos poetas, além de ouvir outros cancionistas. Para mim, existe uma ligação forte da literatura com a atividade musical.

MS - Quais são os seus projetos para livro ou CD?

JMW - Estou acabando um livro sobre o futebol e o Brasil. Eu gostei muito de fazer, porque as bases da minha vida e da minha cultura é literatura, música e futebol. Fazer esse livro completa um quadro. Quando eu acabar, vou ter um grande alívio porque há muito tempo este livro está me atazanando. Eu vou gravar um novo disco de canções ainda este ano. Já tem uma boa parte feita, mas agora acabando o livro, eu vou me dedicar a isso.